

**LITERATURA E CONEXÃO ENTRE LEITORES  
FICCIONAIS E REAIS<sup>115</sup>**

*Benildes Fernandes Oliveira* (UFT)

[benildes33.fernandes@gmail.com](mailto:benildes33.fernandes@gmail.com)

*Rosélia Sousa Silva* (UFT)

[roseliasousasilva09@uft.edu.br](mailto:roseliasousasilva09@uft.edu.br)

*Thanielle Magalhães Costa* (UFT)

[thanymagalhaes@bol.com.br](mailto:thanymagalhaes@bol.com.br)

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o caráter formativo da literatura para um leitor crítico argumentando a oportunidade de aquisição de conhecimento, por intermédio da leitura literária, capaz de influenciar o ser humano e as relações sociais de forma única. Para isso, realizamos leituras e análises do conto *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector, buscando nele verificar as relações e os conceitos da literatura, do texto e do leitor literário a partir das teorias estudadas durante as aulas da disciplina *Leitura do texto literário do mestrado em Letras - Proletras*. Verificamos, na rica oportunidade de um estudo aprofundado do conto que há, na literatura, uma singularidade de possibilidade para uma vivência literária dentro de único conto que comprova todas as teorias destacadas no texto.

**Palavras-chave:**

**Literatura. Leitura. Leitor. Vivência literária.**

**1. Introdução**

“..., há um conhecimento do mundo e dos homens propiciado pela experiência literária (...) Seríamos capazes de paixão se nunca tivéssemos lido uma história de amor, se nunca nos houvessem contado uma única história de amor?” (COM-PAGNON, 1999. p. 35-6)

Diante de leituras, estudos e reflexões, é possível notarmos que, por muito tempo, a literatura exerceu um papel hegemônico na sociedade, con-

---

<sup>115</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

tribuindo para a formação moral, cultural e social do povo. Porém, com o passar dos anos, essa arte foi perdendo os seus valores e, hoje, temos uma sociedade que valoriza muito mais a imagem virtual do que a leitura de palavras.

Para compreendermos valores da literatura na formação de um povo, iniciamos destacando a aceção de Eagleton (2006) que a define como “escrita imaginativa, no sentido de ficção – escrita esta que não é literalmente verídica”. Sendo a literatura como essa escrita fantasiosa, consideramos difícil distinguirmos fato de ficção, uma vez que, a partir da construção da narrativa, há a organização de uma ficcionalização. Para os formalistas russos a literatura deveria ter como objeto a literariedade, pois emprega a linguagem de forma peculiar. A organização, o ritmo e a ressonância superam o significado literal.

Desse modo, o texto literário é composto por uma linguagem pessoal, envolta em emoção, no qual se emprega o lirismo e permite múltiplos olhares, por isso é possível afirmar que o texto literário deve ser o ponto de partida para a formação de um leitor crítico, pois ele humaniza o indivíduo e lhe produz outros saberes. A leitura de um texto literário propõe uma nova forma de organizar as ideias que, a princípio, são expostas pelo autor e moldadas de acordo com o entendimento e opinião do leitor no decorrer da obra.

Se a linguagem é o que diferencia os seres humanos das outras espécies, a capacidade de criar, produzir e apreciar arte também nos é inerente. Criar narrativas, fantasiar ou simplesmente se deixar envolver por um objeto artístico encontrando significados na subjetividade de cada um, talvez seja a nossa necessidade por arte. Antonio Candido (1988) atribui a literatura como fator indispensável à humanização, afirmando-nos,

(...) vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de **fabulação**. (CÂNDIDO, 1988, p. 174) (Grifo nosso)

A formação cultural de uma sociedade passa pela consolidação do imaginário e essa fabulação faz parte do imaginário de um povo, está presente nas narrativas individuais ou até mesmo nas justificativas enquanto ser neste mundo. Pertencemos a uma cultura marcada por histórias, criações e recriações, tudo englobado em uma contínua produção de subjetividade,

formação do sujeito, construção de saberes, embasamentos teóricos e ideológicos do homem ao longo dos tempos.

Não se encontrou, até hoje, nenhum povo que não contasse histórias ou que não cantasse, mas cada povo, ou cada grupo, tem um jeito próprio de fazer isso e uma maneira peculiar de apreciar essas produções. (ABREU, 2006. p. 111)

É dentro desse universo de histórias, que existe para nosso deleite e fruição a literatura, e por essa ser uma linguagem artística, permite ao ser humano várias possibilidades de leituras, interação de conhecimento, reconhecimento de si mesmo e do outro. Vale ressaltar que essas possibilidades, motivos ou caminhos para o ato de ler, às vezes não é propriamente formação de leitor, mas se o faz através de leituras literárias, talvez seja por apreciação, pelo prazer, fruição ou curiosidade, ler por ler, por encontrar sentidos do mundo ao mundo particular do leitor, de modo que a leitura aconteça e as consequências desse rico ato certamente serão produzidas.

## **2. *Experiência literária com o conto “Felicidade clandestina”***

A epígrafe deste texto apresenta uma concepção humanista para a função da literatura. Nesta perspectiva, o conhecimento adquirido por intermédio da leitura literária é capaz de influenciar o ser humano e as relações sociais de forma única. Verificamos na leitura, releitura, reflexão e estudo aprofundado do conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector que há uma singularidade de possibilidade para uma vivência literária dentro de um conto que comprova toda essas afirmações dadas neste texto até aqui.

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 1920. Os Lispectores emigraram da Rússia para o Brasil no ano seguinte e fixaram-se em Recife, onde a escritora passou a infância. Clarice tinha 12 anos quando a família mudou-se para o Rio de Janeiro. Mais tarde, entre muitas leituras, ingressou no curso de Direito, formou-se e começou a colaborar em jornais cariocas. Em 1944 publicou sua primeira obra: “Perto do coração selvagem”. A moça de 19 anos assistiu à perplexidade nos leitores e na crítica: quem era aquela jovem que escrevia “tão diferente”? Desde então, a autora já se consagrou como uma importante escritora da literatura brasileira e uma ficcionista singular que, como assinala a crítica, desde sua iniciação nas letras, recusou a fixidez dos gêneros literários, por considerá-la um entrave na busca da essência que marca seus escritos.

“Felicidade clandestina” é o texto que dá título à obra da autora lan-

çada inicialmente em 1971. “Felicidade clandestina”, o livro, reúne diversos textos de Clarice Lispector que foram escritos em diversas fases da vida da autora. Os textos reunidos nessa obra podem mais facilmente serem classificados como “contos”, mas como Clarice não se prendia a convenções de gêneros, todo o conjunto reunido nesta obra migra de gênero em gênero, ora aproximando-se do conto, ora aproximando-se da crônica, ou por vezes sendo quase um ensaio. De fato, muitos dos textos reunidos neste livro foram publicados como crônicas no *Jornal do Brasil*, para onde Clarice escrevia semanalmente de 1967 a 1972.

No conto, a história apresentada pela narradora personagem relembra um fato marcante na memória da menina leitora acontecido com ela ainda na infância, na escola. Apaixonada por livros, a personagem vive uma espécie de “tortura chinesa” caracterizada no próprio conto pela narradora:

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, alinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia. (LISPECTOR, 1981)

Uma das ânsias de ler se dava pelo tão almejado livro “As reinações de Narizinho” de Monteiro Lobato. No entanto, era vítima de um plano “tranquilo e diabólico” da “filha do dono da livraria” (personagem antagonista no conto, descrita como “cruel”, “vingativa” e “sádica”, mas invejada por ser “a filha do dono da livraria”). Esse plano de humilhação se dá pela importância atribuída pela narradora personagem ao livro que a faz ser submetida aos aviltamentos bem expressos no trecho “Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia”. A personagem narradora ia, em vão, atrás do livro, na casa da garota (detentora do poder do livro, ou da leitura), mas, explicitando ser um plano de rebaixamento, recebia por várias vezes as mesmas desculpas de que o livro estava emprestado.

É possível compreender que o conto é dividido em duas partes, a primeira, há uma busca constante pelo livro que a narradora ainda não havia lido, mas a garota recusava-se fervorosamente a emprestar.

Durante vários dias viveu essa rotina torturante, até que a mãe da menina (filha do dono da livraria), após perceber a presença diária da narradora em sua casa, desconfia e toma conhecimento da crueldade que sua filha estava fazendo. Desmascara-a, dizendo que o livro sempre estivera em casa e que a filha nem sequer o leu, determinando o empréstimo por um

tempo indeterminado.

A menina recebe o livro e não o lê de imediato. Abre-o, ler pequenos trechos, fecha-o, procura fazer outras coisas; finge que não sabe onde o guardou, para sentir o prazer de possuir o livro pelo tempo que quiser e degustá-lo lentamente. Tudo isso lhe dá uma enorme felicidade e a consciência de que, para ela, “a felicidade sempre iria ser clandestina”. Ao final, sentada numa rede, não se vê mais como uma criança, mas como uma amante.

Este ponto pode ser considerado como a segunda parte do conto, pois, a partir do momento que a narradora obtém o objeto desejado muda-se o tom da narrativa, a personagem se deleita de felicidade por realizar algo que para ela era ilegal, por isso “clandestina”.

O leitor do conto é direcionado, pela narradora a criar expectativas sobre o desfecho, a torcer por ela, a vivenciar o drama de querer e não possuir o objeto desejado. São dois leitores que se angustiam no decorrer do conto, o leitor ficcional que ao relatar revive as frustrações daquele episódio de negação e humilhação e o leitor espectador que segue ansioso pelo fim daquele drama. O que há de especial naquele livro? Pode um livro valer tanto sacrifício? Tudo isso por um livro? Ou, tudo isso pelo livro?

A linguagem do conto é simples, a história é relatada com bastante naturalidade o que permitiu a compreensão do enredo sem muita dificuldade. Os personagens não recebem nomes, o tempo obedece às lembranças sucessivas da narradora, em alguns momentos ela antecipa fatos que revelam o que se desenvolverá ao longo da narrativa. No final, a menina se transfigura em uma mulher, remetendo a passagem de tempo com o amadurecimento da personagem. O espaço físico é a cidade do Recife, detectado no início da narrativa. Todos esses aspectos permitem a nós leitores mergulharmos na mente da personagem protagonista, permitindo comover, vislumbrar e até se emocionar.

A descrição da antagonista cria uma espécie da imagem do feio, transparecendo nas características psicológicas a negatividade das ações da opressora. Antecipando ao leitor a figura da criatura má, o que choca o leitor, pelas características de perversidade em uma criança, pois a imagem que temos associada à infância é marcada pela ingenuidade e pureza das ações.

Observamos também a fantasia da literatura infantil, a menina boa

que sonha com um livro que não pode comprar, submete-se ao jogo da menina má que, como as bruxas dos contos de fadas, desprezam a criança inocente. Ainda é visível também a perspectiva do bem e do mal: a menina pobre e a garota rica, a manipuladora e a manipulada, relações presentes no conto que representam nossas relações em sociedade. Além da oposição entre o querer e o ter, o que também justifica o título do texto. Outro ponto evidenciado no conto é a relação de devoção ao objeto desejado:

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. (LISPECTOR, 1981)

A relação entre a personagem e o livro pode ser compreendida como uma experiência de diferentes tipos de amor “sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito”, “meu peito estava quente, meu coração pensativo”. Na última parte do texto a felicidade passa a ser clandestina porque a personagem adia o momento da leitura, a concretização da satisfação plena pela aquisição do livro, saboreando a felicidade de ter, fingindo-se não possuir e atrasando o momento da satisfação plena através da leitura.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. (LISPECTOR, 1981)

E o texto conclui-se de uma forma surpreendente para o leitor “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.” que, por ser tão ricamente literário cumpre fielmente a função de fantasiar, surpreender. O conto com suas características singulares de um texto literário, rico em significância, permite ao leitor ávido e atento uma ampla interpretação. Vejamos, por exemplo, que a menina se transforma durante a narrativa, deixando de ser ingênua a partir dessa experiência, transformando-se em mulher. Nessa passagem, leituras, análises e reflexões podem ser feitas com a vida de cada leitor que, com o passar das

experiências, transformam-se e, diante de uma leitura literária, podem conseguir obter conclusões de suas próprias vidas antes não estabelecidas e reconhecidas, tendo, no momento literário, também um crescimento e amadurecimento pessoal.

A ludicidade, fantasia e surpresa do texto ainda se estendem quanto ao objeto desejado pela personagem. Vemos que, ao final, ele torna-se não um amigo ou marido, mas um amante, transgredindo as convenções sociais e as imaginações prévias do leitor. A autora faz aqui uma projeção, atribuindo ao livro sentimentos e intenções positivas, amorosas e humanas que se originam em si própria, não sendo, possivelmente, comum de haver com outras pessoas tais emoções tão concretamente desenhadas, constituindo, portanto, um exemplo de situação epifânica: a menina que se torna “amante” do livro.

### **3. Considerações**

Para que a literatura cumpra sua função de despertar o leitor para a fabulação, é necessário que, como fez Clarice, se utilize uma linguagem organizada de forma especial, através de expressões metafóricas, despertando sentimentos e emoções diversas no leitor. A autora e a literatura de qualidade têm, no modo de narrar, uma preocupação em voltar-se para o ser humano como sujeito dotado de razão, mas, sobretudo de emoção.

“Felicidade clandestina”, conto inquestionavelmente literário, se constrói por uma seleção de palavras que formam um universo ficcional, mas ao mesmo tempo aborda semelhanças com fatos reais da vida da autora. Nesse momento, percebemos o quanto a literatura é um processo de ficcionalização de invenção, como afirma Eagleton quando diz que “a literatura inclui muito da escrita “fatural”, também exclui uma boa margem de ficção”. De forma bem sutil, Clarice Lispector agrega figurações, valendo-se de metáforas que se relacionam com o mundo subjetivo em que residia o seu ser.

A experiência de leitura que vivenciamos através da história narrada pela personagem denuncia-nos enquanto seres humanos, descrevendo características inerentes a nossa conduta, entre a protagonista, a antagonista e o leitor há desejo, prazer, amadurecimento e mundos que se entrelaçam.

Desta forma, diz-se que a literatura proporciona ao homem, pela efabulação, o contato com realidades diferentes, com experiências de pessoas de

épocas distintas, com fatos cuja descrição chega até ele com riqueza de detalhes que permite uma visão quase real de como se sucederam, e, é a partir daí que se delinea a “viagem” pela ficção que mune o leitor de experiência e o humaniza. (PEREIRA, 2016)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria: leitura e senso comum*. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Terry Eagleton. Trad. de Waltenser Dutra; [revisão da tradução João Azenha Jr.]. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Biblioteca Universal)
- LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 7-10
- PEREIRA, Fabiane Aparecida. O direito à literatura: “sonho acordado” das civilizações. In: *Revista Primeira Escrita*, Aquidauana, n. 3, p. 175-89, dez. 2016.